

Megan Maxwell

# Deixa-te Levar

Tradução

Cristina Dionísio



O verdadeiro amor é como uma bonita canção.  
Se não é especial, esqueces-te dela, mas se te apaixonas de verdade, vais gostar dela para sempre,  
porque ter-se-á instalado no teu coração.

Com carinho,

MEGAN MAXWELL

Todos os títulos dos capítulos deste livro são versos de canções. (*Nota da edição portuguesa.*)

## Capítulo 1

### *Héroe*

A gala musical no espectacular auditório de Los Angeles era divertida e todos os que assistiam estavam a passar um bom bocado.

Produtores musicais, cantores, actores, modelos e argumentistas de cinema bebiam, dançavam e cantavam ao som da melhor música do momento.

Um dos assistentes mais solicitados era Anthony Ferrasa, Tony para os amigos.

Um compositor bem-parecido, simpático, sedutor e moreno de olhos verdes que as enlouquecia a todas, e não apenas por causa do seu olhar fascinante. Tony era o irmão Ferrasa do meio, filho da falecida cantora Luisa Hernández, mais conhecida como La Leona, e cunhado de Yanira, a cantora que estava em força nas tabelas de vendas.

Tony era o solteiro mais bem cotado de Los Angeles e, vestido com aquele fato preto, a camisa branca e o laço, era um regalo para a vista. Era um homem que não se deixava apaixonar por ninguém, mas que encantava todas com os seus olhos claros felinos, o porte atlético e sorriso cativante.

Enquanto se ouvia como música de fundo *Treasure*, de Bruno Mars, e as pessoas dançavam, ele conversava com uma bonita modelo russa, consciente de que, a julgar pela maneira como ela tocava no cabelo, mordida o lábio inferior e lhe sorria, a noite prometia. A jovem caíra sem dúvida nas suas redes quase sem que ele se tivesse disposto a tal.

– Tony, podes chegar aqui por um momento?

Ao ouvir a voz de Yanira, piscou um olho à mulher que estava com ele e, depois de lhe pedir que aguardasse um segundo, foi ter com a cunhada. Esta, com um sorriso, segredou-lhe ao ouvido:

– Acabam de me propor gravar uma canção com a Beyoncé e a Jennifer Lopez. O que achas da ideia?

– *Wepaaa!* – respondeu ele.

Juntar aquelas três deusas da música, bonitas, *sexy* e triunfantes era, no mínimo, uma grande ideia, e replicou encantado:

– Acho que vai ser um grande êxito. Quem to propôs?

Disfarçadamente, a jovem moveu-se para a direita e murmurou:

– Aquele que está a falar com o teu irmão Omar.

Tony olhou com curiosidade e, ao ver quem era, assentiu.

– Alfred Delawey, caramba... vejam só...

Ambos riam satisfeitos quando Dylan, outro dos irmãos de Tony, e marido de Yanira, se aproximou deles e, depois de entregar à mulher a bebida que trazia na mão e de a agarrar pela cintura, perguntou:

– O que estão a tramar?

– Estava a contar a Tony a proposta de Delawey – respondeu, apoiando coquete a cabeça no ombro dele.

– O que achas, Dylan? – perguntou Tony ao irmão.

O doutor Dylan Ferrasa, um homem bastante zeloso da sua intimidade, sorriu ao entender onde ele queria chegar com a pergunta e, depois de dar um beijo na testa da mulher, respondeu:

– Parece-me bem.

Yanira e Tony olharam espantados um para o outro.

– Nenhuma objecção? – insistiu este.

Dylan deu uma gargalhada. Se havia algo que já aprendera por aquela altura era a confiar na sua mulher e, sem a soltar, disse:

– Alfred não é um tipo com quem simpatize particularmente, mas Yanira sabe o que faz.

Ela levantou as sobrancelhas, divertida, e pôs-se em bicos de pés para beijar Dylan nos lábios.

– Não podias ser mais giro, lindo, bonzão e adorável, querido! – exclamou.

Encantado, o doutor Ferrasa sorriu e deixou-se beijar. Adorava a mulher. Era única e, sem dúvida alguma, a melhor coisa que lhe acontecera na vida.

Tony revirou os olhos. O amor que aqueles dois professavam era apaixonado e incrível, e ele refilou:

– Já começa a beijoquice.

Olharam-no divertidos e Yanira perguntou:

– Estás com inveja?

– Nãããão – troçou Tony, olhando para a russa. – Não digas asneiras. Tenho o que quero.

Yanira olhou na mesma direcção.

– Aquela mulher é muito bonita, mas basta vê-la para saber que não é para ti – comentou.

Dylan deu uma gargalhada e Tony replicou bem-humorado:

– Cunhada, a minha vida é bestial. Faço o que quero e ando com quem quero. Que mais posso pedir?

Ela fitou-o. Tony tinha razão, mas, ainda assim, disse:

– Sei que tens o que queres, mas todas essas mulheres são mais falsas do que uma nota de dólar com a cara do Pato Donald. A maioria só quer aparecer na imprensa contigo e promover-se.

– Eu sei. Mas não te esqueças, lourinha, que eu também quero delas algo muito simples: sexo. Nada mais.

– Por este andar, como se diz em Espanha, vais ficar para tio – insistiu a jovem. – Caramba, Tony, já tens idade para teres uma família. Recordo-te que és mais velho do que Dylan dois anos.

Divertido com o comentário dela, sorriu e, puxando-lhe o cabelo, disse:

– Já vos tenho a vocês como família e, a propósito, acabas de me chamar velho?

– Já não és um rapazinho, amigo – replicou ela, vendo que o marido se ria. – És um quarentão e...

– Dylan, por que não dizes à intrometida da tua mulher para calar o bico?

– Se falas comigo dessa maneira, mando-te ir dar uma curva, Tony Ferrasa – refilou Yanira. – É-me indiferente o que digas ou o que penses.

Acho que deves procurar alguém especial e parar de andar de flor em flor, senão vais acabar como o teu irmãozinho Omar.

– *Wepaaa*, que golpe mais baixo! – gracejou Dylan.

– Deus me livre – disse Tony entre gargalhadas.

Os dois irmãos estavam a rir do que Yanira dissera quando apareceu Omar, o primogénito. Plantou-se diante deles, agarrou em Yanira pelo braço e disse, puxando-a:

– Anda; Delawey está mortinho por falar contigo, e além disso tens de actuar com Luis Miguel.

– Estamos numa festa, Omar – protestou ela –, não numa reunião de trabalho.

O cunhado, um obcecado pelo trabalho e por mulheres, olhou para ela e insistiu, suavizando a voz:

– Eu sei, linda. Mas não te esqueças de que nestas festas fazem-se bons negócios.

Depois de suspirar olhando para Tony, Yanira piscou um olho ao marido, que sorriu, e foi-se embora com Omar.

– Yanira tem razão – disse Dylan a Tony assim que ficaram sozinhos.

– Devias encontrar alguém que...

– Já tenho – interrompeu-o ele e, apontando disfarçadamente, acrescentou: – Irina Sharapova. Um metro e noventa, elegância requintada e boca sensual e travessa. Sem dúvida, vou passar uma noite incrível.

Dylan olhou para a jovem russa. Com efeito, era muito bonita.

– Não duvido de que te vais divertir, mas...

– Dylan, pelo amor de Deus, não comeces também tu com isso! Já me chega ter de ouvir o pai e agora Yanira – protestou Tony.

Ao dar-se conta de que tinha razão, Dylan sorriu e, mudando de assunto, disse:

– Omar continua na dele. Não pára nem um segundo.

– Já o conheces. O trabalho e as mulheres são as únicas coisas que lhe interessam.

Ambos olharam para o irmão mais velho que, ao lado de Yanira, conversava com Rock Delawey.

– Ando preocupado com ele – disse Dylan.

– Porquê?

Respondeu-lhe enquanto via Yanira subir ao palco para cantar com Luis Miguel:

– Desde que se separou de Tiffany anda a passar dos limites em tudo. Trabalho, viagens, festas, mulheres. Há duas semanas Sean Shelton foi internado no hospital onde eu trabalho. Ao que parece, excedeu-se com a cocaína durante uma festinha, e aí o tens outra vez.

Tony olhou para o amigo de farra do irmão, enquanto os primeiros acordes da canção *Delirio* começavam a ouvir-se e o público aplaudia Yanira e Luis Miguel.

Dylan, encantado por ver a sua bonita mulher no palco, sorriu ao vê-la piscar-lhe um olho e começar a cantar:

*Si pudiera expresarte cómo es de inmenso  
en el fondo de mi corazón  
mi amor por ti.*

Tony sorriu ao ver o ar apatetado com que o irmão ficava ao ouvir a mulher a cantar e, quando Luis Miguel arrancou, murmurou:

– Sempre gostei desta canção.

– É linda – afirmou Dylan, enfeitiçado pela magia de Yanira.

Durante algum tempo assistiram à actuação. Notava-se sem dúvida que Luis Miguel e ela tinham boa ligação no palco e sabiam transmiti-la ao público. Passado um bocado, ao ver Omar a rir com Sean Shelton, Dylan retomou a conversa:

– Omar vai muitas vezes para a farra com ele e isso dá-me que pensar. Ambos olharam com curiosidade para os dois homens.

– Não creio, Dylan – respondeu Tony. – Omar nunca se meteu com as drogas e...

Não pôde dizer mais nada porque de repente ouviu-se o barulho de copos a caírem ao chão e, ao virarem-se, viram uma rapariga do serviço de *catering* com o cabelo às cores, caída entre os vidros.

Dylan apressou-se a agachar-se para a ajudar.

– Estás bem? Cortaste-te? – perguntou-lhe.

A jovem negou e, levantando-se, respondeu:

– Estou bem, obrigada, senhor. – E ao ver a forma como ele olhava para ela, esclareceu: – O chão devia estar molhado com alguma bebida, eu não vi e... ai, mãe, mas eu é que o molhei! – exclamou, ao ver o homem que estava com o que se agachara a sacudir a perna.

Tony, ao entender que se referia a ele, sorriu e disse:

– Tenha calma, menina. Não foi muito.

No entanto, a jovem, angustiada, murmurou aflita:

– A sério, foi sem querer. Lamento... lamento...

Surpreendido por tanta preocupação, Tony olhou para ela e viu-a esticar o pescoço e olhar em volta, inquieta.

– Eu sei, mulher... tem calma.

De repente, ela franziu o sobrolho ao ver que outro empregado jovem lhe fazia sinais.

– Maldição! – praguejou.

– O que se passa? – perguntou Tony.

Sem lhe prestar a atenção que as mulheres normalmente lhe demonstravam, a rapariga afastou uma madeixa cor-de-rosa da cara e sussurrou:

– Ai, meu Deus, ele vem aí!

Dylan e Tony entreolharam-se sem entender nada.

– Quem vem aí? – perguntou-lhe este último, aproximando-se dela.

Avisada por David, Ruth havia visto que o seu chefe, o senhor Sebastián, a quem chamavam *Caranguejo* entre eles, vinha direito a ela, para sua desgraça. Olhou para os homens que a observavam e, ao ver que não pareciam tão empertigados como outros que se encontravam naquela festa, foi até junto do que estava a falar com ela e disse:

– Tenho um chefe um bocado difícil e bastante chato em relação a determinadas coisas. E quando ele vir o que eu fiz, tenho a certeza de que me dirá das boas.

– A sério? – inquiriu Tony.

A rapariga do cabelo às cores assentiu com um ar engraçado e, fazendo cara de cachorrinho abandonado, respondeu:

– Totalmente a sério.

– Não te preocupes – disse ele divertido. – Explicamos-lhe que a culpa não foi tua.

– Obrigada. O senhor é muito simpático.

Os três sorriram e ela, ao ver a maneira como aquele bonzão moreno olhava para ela, acrescentou:

– Se este trabalho não fosse tão importante para mim, pode ter a certeza de que o mandaria ir dar uma curva, mas...

– Espanhola? – perguntou então Dylan.

A jovem encolheu os ombros e respondeu:

– Sim. Porquê?

– A minha mulher também é espanhola. De Tenerife – explicou Dylan.

– E quando disseste isso de o mandar ir dar uma curva...

Ela sorriu e, ao ver o chefe aproximar-se, perguntou a Tony:

– Quer mesmo ajudar-me? – Ele assentiu e a rapariga, esquecendo-se de formalismos, acrescentou: – Então, deixa-te levar!

Dylan sorriu divertido quando ouviu o irmão perguntar:

– Deixo-te o quê?

– Chiu... ele aproxima-se!

Um segundo depois, um homem colocou-se diante deles e, olhando para a jovem, entregou-lhe uma escova e uma pá e perguntou:

– O que aconteceu, Ruth?

A rapariga começou a apanhar os cacos e respondeu:

– Desequibrei-me por causa de uma pancada e...

– Uma pancada? – grunhiu o chefe, fitando-a, mas antes de poder dizer mais alguma coisa, Tony mentiu:

– A culpa foi minha. Ela vinha carregada com a bandeja cheia de taças, não a vi, dei-lhe um empurrão e ela caiu no chão. Por sorte não aconteceu nada nem ela se cortou.

Depois de o ouvir, o homem olhou para a rapariga, que encolheu os ombros com graça.

– Tentei evitá-lo, senhor Sebastián, mas foi impossível.

– Foi um movimento involuntário do meu irmão. É um bocado desastrado – interveio Dylan, ganhando um olhar divertido de Tony, e a seguir pôs-se a aplaudir porque acabava de terminar a actuação da mulher.

O chefe observou os três e por fim disse:

– Ainda assim, sinto muito pelo desagradável incidente, senhores.

– E virando-se para a rapariga, ciciou com voz seca: – Tens de ter mais

cuidado e estar atenta ao que fazes, por acaso eu não vos avisei antes de começarem?

– Sim, senhor. Avisou-nos, mas...

– Acabei de dizer que a culpa foi minha – insistiu Tony aborrecido.

O homem assentiu e, depois de lhe sorrir, voltou a olhar para a jovem e concluiu:

– Continua a trabalhar e tenta que o que aconteceu não se repita. Depois falamos quando o evento terminar.

E, sem mais, ante o olhar atento dos três, foi-se embora. Ruth, convencida da bronca que ia levar, acabou de apanhar os vidros do chão e, quando terminou, disse com um sorriso cansado, quase sem lhes prestar atenção:

– Muito obrigada pela sua ajuda.

Dylan e Tony assentiram e viram-na afastar-se. Ao chegar à cozinha, Ruth meteu os vidros no caixote do lixo e, ao pousar a pá e a escova, viu que David entrava com uma bandeja vazia e, indo ter com ele, murmurou horrorizada:

– Acho que vi Julio César na festa.

– Não me lixes! – exclamou ele, pousando a bandeja que trazia nas mãos.

Julio César era o ex de Ruth. Um homem que a fizera sofrer mais do que a conta e de quem ela escapara há algum tempo. Nervosa e alterada, abanou-se com as mãos e gemeu:

– Não sei se é ele ou não. Não sei. Fiquei nervosa e caí no meio do chão e...

– Calma, calma – interrompeu-a David e, agarrando-lhe a mão com decisão, disse: – Anda, temos de saber se é ele senão não vais poder continuar a trabalhar.

Saíram da cozinha com as bandejas vazias, sem que o chefe os visse. Com cuidado, percorreram a sala à procura do homem e, quando acabaram, Ruth respirou de alívio ao dar conta de que o confundira com outro. Assim que voltaram a entrar na cozinha, a jovem sorriu e, bebendo um gole de água, murmurou:

– Ainda bem... ainda bem.

David sorriu por sua vez e, depois de também ter bebido água, perguntou:

– Quem eram aqueles homens com quem estavas a falar, gaja?

Ela encolheu os ombros.

– Não faço a menor ideia, mas ajudaram-me com o *Caranguejo*.

– Salvaram-te o couro?

Ao ouvir aquela expressão tão típica do seu país, Ruth assentiu e o amigo prosseguiu:

– Pois sejam lá quem forem, a palavra «impressionante» não chega para descrever esses dois adónis de corpos esculturais e apolónios. A propósito, devias de ter visto a mamalhuda da Rosalyn com uns fulanos na festa. A descaradona servia-os enquanto lhes mostrava o rego das mamas.

Mais calma, ela sorriu.

– Assim é que eu gosto – disse David, pegando-lhe na mão. – Sorri-dente ficas mil vezes mais bonita. Por falar nisso, cada dia gosto mais do teu cabelo, acho que vou ganhar coragem e fazer também umas madeixas às cores.

Ruth suspirou. Usava o cabelo pintado de várias cores para ocultar a sua chamativa cabeleira ruiva e para que Julio César não a pudesse reconhecer.

– Pois recordo-te que temos o melhor cabeleireiro do mundo – repli-cou ela, olhando para o seu grande amigo.

– O meu Manuel é o deus da coloração!

Ruth sorriu. Manuel, o marido de David, era cabeleireiro, e experimentava com eles o que aprendia nos seus cursos de penteados criativos antes de os levar à prática no salão que geria.

Sem aqueles dois amigos que não podiam ser melhores, a sua vida em Los Angeles seria um caos; mais contente, acrescentou:

– De uma coisa eu não duvido. É tendência!

Estavam nisso quando o senhor Sebastián, também conhecido como *Caranguejo*, se aproximou deles. Como era de esperar. Ruth levou uma bela descasca por causa da sua suposta falta de jeito. Ao terminar, o homem disse:

– David, Ruth, façam o favor de tirarem o lixo e de o levarem para o contentor, imediatamente!

Sem refilar, ambos assentiram e, quando ele se foi embora, David murmurou:

– O *Caranguejo* deve levar uma vida sexual péssima. Não é normal que ande sempre tão mal-humorado, não achas?

Ruth sorriu e disse baixinho:

– Anda, vamos levar o maldito lixo para o contentor.

Ao fazê-lo cruzaram-se com Andrew, o chefe de segurança de quase todas as festas em que trabalhavam, que, ao ver Ruth, disse:

– Olá, cara linda, tudo bem?

Ela sorriu e David refilou ao sentir-se excluído do cumprimento:

– *Hellooooo*, eu também existo!

Andrew sorriu ante a sua tirada e, piscando-lhes um olho, desapareceu sem dizer mais nada.

– O tipo é mesmo podre de bom. E quando vai na sua mota, com aquele blusão de cabedal e ar de rufia, é de o comer todinho! Aqui entre nós, gaja, ainda não entendo como não o devoraste.

Ruth encolheu os ombros. Andrew era um bom amigo e, apesar das suas contínuas insinuações e da atenção que lhe prestava, não via nada mais neles.

Entretanto, na festa, os irmãos Ferrasa continuavam a falar das suas coisas e, depois de terminar a bebida, Tony olhou para a modelo russa que os observava não muito longe dali e disse:

– Vou-te deixar, irmão.

– Porquê? – Dylan sorriu ao imaginar a resposta.

Tony, com o seu enorme *sex-appeal*, olhou com luxúria para o corpo da jovem e respondeu:

– Uma bonita russa requer a minha presença e não gosto de me fazer rogado.

Dylan, divertido, deu-lhe um murro no ombro e viu o seu querido irmão afastar-se. Instantes depois, Tony aproximou-se da russa e, após ter-lhe dito algo ao ouvido, ela sorriu e foram embora da festa juntos.

– Tony vai-se embora? – perguntou Yanira, que acabava de chegar junto do marido.

Dylan assentiu. Olhou para a sua bonita mulher loura e, agarrando-a pela cintura, aproximou a boca do ouvido dela e murmurou:

– Cantaste maravilhosamente bem, coelhinha. – Agradada, sorriu-lhe e ele disse baixinho: – E que tal se levasse minha linda mulher para outro sítio?

– Para onde? – perguntou-lhe Yanira a sorrir.

Dylan tirou um cartão do bolso, mostrou-lho e, assim que ela leu «California Suite», acrescentou:

– Fabian está lá à nossa espera.

Assentiu encantada. Se havia algo de que gostava era de desfrutar de uma boa sessão de fantasia e sexo com o marido e, de bom grado, respondeu:

– Então não o vamos fazer esperar.



Tony saiu do local a rir com a russa e, assim que o funcionário do estacionamento o viu, levou-lhe o seu impressionante *Audi R8 Spyder* cinzento-escuro. Ao ver o carro, Irina sorriu. Não esperava menos daquele famoso compositor. Tony, com galanteria, abriu-lhe a porta para ela entrar. Quando a fechou, contornou o carro com passos seguros enquanto desabotoava o casaco do fato.

Do outro lado da rua, junto ao contentor do lixo, David, que presenciara a cena, olhou para a amiga e perguntou:

– Gaja, aquele não é um dos adónis que te salvaram o couro na festa na frente do *Caranguejo*?

Sem lhe prestar demasiada atenção, Ruth olhou para ele e disse:

– Sim.

Sem tirar os olhos dele, David avaliou-o. Moreno, alto, com classe e, pelo que via, com um carro incrível que chamava a atenção.

– Visto à luz dos focos e mesmo sendo de noite, é um homem impressionante. Que pernas mais compridas. Nem quero imaginar como deve ter o resto.

Ruth sorriu ao ouvi-lo e, enquanto metia o lixo no contentor, retorquiu:

– Também não é para tanto, David.

– Não há dúvida de que o teu radar está estragado há que tempos, minha linda – disse, negando com a cabeça e levando a mão ao pescoço.

– Esse tipo é uma autêntica bomba sexual! Como podes dizer que não é o máximo dos máximos?

Divertida, ela voltou a olhar para o desconhecido. Não tinha a menor dúvida de que aquele homem podia ser uma bomba, em Espanha, na China, no Brasil e onde quer que se propusesse. Ainda se lembrava dos seus incríveis olhões claros, mas respondeu:

– Pois é muito fácil, querido, porque tenho outras coisas na cabeça que são mais importantes do que um tipo rico, *sexy* e atraente para quem não existo. – E, suspirando, exclamou: – Uma coisa é certa, o carro é um espanto!

– Mas como podes reparar no carro tendo semelhante adónis à frente?  
– Ruth arqueou as sobrancelhas e David acrescentou: – *Okay... Okay...* eu não disse naaaaaada.

Ambos riram.

– Molhei as calças ao desgraçado, mas ainda assim ele foi simpático comigo – comentou ela.

– Que queriiiiiiido.

Sem olhar nem reparar neles, um Tony sorridente passou por eles e, quando se afastou, Ruth comentou:

– No dia em que ganhar a lotaria, prometo comprar-te um carro igual.

– Com um homem daqueles lá dentro?

– Acho que Manuel não ia gostar da ideia.

David sorriu e, afastando a franja da cara, respondeu:

– Manu ia gostar tanto como eu. Mas está bem, convenceste-me. Quando ganhares a lotaria, quero um carro igual, mas em amarelo-canário, para que toda a gente me veja a chegar.

Ruth assentiu divertida.

– Combinado. Será amarelo-canário.